

XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG

ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



O MOVIMENTO AÇÃO, JUSTIÇA E PAZ: Dom Helder e as violências da Ditadura Civil-Militar Brasileira

Rosildo Henrique da Silva¹

INTRODUÇÃO

O presente artigo vem pesquisar o Movimento Ação, Justiça e Paz-AJP criado por Dom Helder Camara no ano de 1968. Um Movimento não violento que tinha a intenção de propagar a paz acompanhada de justiça social. A ditadura civil-militar não aceitou o Movimento, com isso, tentou desmobilizar e perseguir os seus membros. Dom Helder denunciou a violência e a violação aos direitos humanos realizado pelo Regime Militar.

Dom Helder Pessoa Camara nasceu no dia 7 de fevereiro de 1909 em Fortaleza no Ceará, filho de João Eduardo Torres Câmara Filho, jornalista e maçom e Adelaide Rodrigues Pessoa, professora primária. Depois viajou para o Rio de Janeiro, trabalhando com Dom Sebastião Leme até à sua morte, e posteriormente com Dom Jaime de Barros Câmara. Dom Helder Pessoa Câmara esteve envolvido com os problemas sociais desde a sua temporada na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Ele começou a interessar-se pelas causas dos mais necessitados e injustiçados após o Congresso Eucarístico Internacional. O Cardeal Gerlier provocou Helder a que dedicasse todas as suas forças pelas causas dos pobres, ao que Dom Helder afirmou categoricamente: “este é um momento de virada na minha vida. O senhor pode ver minha consagração aos pobres. Não estou convencido de possuir dotes excepcionais de organizador, mas todo o dom que o Senhor me confiou colocarei ao serviço dos pobres” (Piletti; Praxedes, 1997, p. 233). O padre Helder atuou em favor dos favelados, recebendo o nome de “bispo das favelas”. Ele criou a Cruzada São Sebastião que construiu várias casas para os necessitados dos cortiços do Rio de Janeiro. Dom Helder estava presente nestas favelas ajudando, na medida do possível os moradores.

¹ Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, contato: rosildohts@yahoo.com.br

O Dom se considerava um lutador em favor da paz. Foi, inclusive, indicado para receber o Prêmio Nobel da Paz, pois era extremamente contrário às ações de violência e pregava a não-violência. O governo brasileiro pressionou os organizadores do Prêmio Nobel da Paz para que Dom Helder não fosse o agraciado; como afirma Newton Cabral, “a repetida indicação de seu nome para o Prêmio Nobel da Paz, ensejou articulações contrárias, hoje parcialmente conhecidas, por parte do governo brasileiro através de ações de membros do seu corpo diplomático” (Cabral,2020, p. 69), no entanto, ele conseguiu um Prêmio Popular da Paz.

Em consequência das decisões negativas da Comissão Nobel pela não premiação de dom Helder ao Nobel da Paz, organizações da juventude da Noruega, com o apoio do movimento trabalhista, sindicatos e partidos trabalhistas do mesmo país, indignados, organizaram-se em busca de angariar donativos para oferecer a Dom Helder Câmara, personalidade que adotava por intenção “tornar os oprimidos conscientes de seus direitos e torná-los capazes de lutar por si, por sua própria iniciativa”, o Prêmio Popular da Paz (CEMVDHC, 2015, p. 44).

Ele recebeu uma soma em dinheiro de países que lhe concederam o Prêmio Popular da Paz. Dom Helder utilizou-o para fazer o bem, comprando três engenhos para doar aos necessitados. Edvaldo Vieira de Souza Júnior confirma que

a terra foi comprada por Dom Helder com o dinheiro que recebeu de vários prêmios internacionais em decorrência da sua luta pela paz, principalmente entre 1971 e 1974, a terra era adquirida em nome de uma associação dos camponeses e a posse ficava sendo coletiva (Souza Junior, 2016, p. 111).

O arcebispo de Olinda e Recife falara em colocar o Prêmio em favor da luta pela não violência, ele esclarece: “o Prêmio que me confiais, eu o porei a serviço destes sonhos, destas Utopias. Será uma ajuda para a nova guerra – sem violência – pela Humanização do Mundo” (Camara, 1993, p. 64). Ele tinha grande admiração por dois arautos da não-violência: o hinduísta Mahatma Gandhi e o pastor batista Martin Luther King. Dom Helder admirava a figura religiosa e intelectual destes personagens, como salienta Lucy Pina Neta, Uma dessas figuras, cuja admiração religiosa era, também, intelectual, foi o Pastor Martin Luther King, a quem o Dom se referia com os nomes traduzidos em português Martinho Lutero King (Pina Neta, 2018, p. 72-73).

Para Dom Helder havia três tipos de violência, a nº 1, nº 2 e nº 3. A primeira refere-se às condições desumana de opressão e coação; a segunda decorre da primeira, e é aquela em que os oprimidos se revoltam; a terceira, é a repressão do Estado. O arcebispo de Olinda e Recife criou o movimento de Ação Justiça e Paz, que tinha a

intenção de denunciar as injustiças e socorrer os perseguidos e marginalizados pelo regime. O movimento AJP, foi fundado em 1968, como relata Zildo Rocha:

Em meados daquele ano de 1968, Dom Helder, influenciado, por um lado, pela leitura ou por contatos mantidos durante o concílio com líderes pacifistas e, por outro, impressionado com a escalada da violência e a atração da juventude pelos movimentos de libertação através do luta armada, resolveu lançar um movimento que inicialmente chamou de Pressão Moral Libertadora e, em seguida, de Ação, Justiça e Paz (Rocha, 2019, p. 42-43).

Dom Helder estava atento para conscientizar o povo sobre a situação em que o Brasil se encontrava, havendo uma total violação aos direitos humanos. Para fazer as denúncias ele utilizou dos meios de comunicação e dos discursos nas celebrações das Missas. Ele abria os olhos dos cristãos por meio da palavra de Deus, utilizando a figura de Jesus Cristo como o libertador, mas também, elencava outros grandes personagens da história como Gandhi, que foi um grande ideólogo da Índia e tentou à libertação por meio da ideologia da não-violência e respeito à pessoa humana. Dom Helder no terceiro caderno da campanha “Pressão Moral e Libertadora” aborda o personagem Gandhi. Falar de liberdade e Direitos Humanos no Brasil em que estas duas coisas estavam sendo desrespeitadas foi de muita coragem e ousadia.

Dom Helder foi comparado a um profeta do Terceiro Mundo. Nelmo Roque Tem Kathen, ressalta, “um profeta do Terceiro Mundo. Encabeça vários movimentos do tipo profético, ‘Pressão, moral libertadora’ ou Ação, Justiça e Paz, a ‘Violência dos pacíficos’” (Kathen, 1991, p. 62).

A Ação, Justiça e Paz não deve ser um movimento como muitos outros que regam a paz, ele não pode ser um movimento morno mas ativo de denuncia a situação sócio, econômica e política do Brasil. Para o Dom, a AJP está baseado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, principalmente em três artigos: o artigo 4º que diz que ninguém será mantido em escravidão e serviço; o artigo 3º todo homem tem direito a vida, a liberdade e a segurança pessoal; artigo 23 todo homem tem direito ao trabalho.

Dom Helder defendeu os direitos humanos em toda a sua trajetória. No ano de 1970 no palácio dos esportes em Paris, ele denunciou as torturas no Brasil, levando-o a ser extremamente perseguido e caluniado. O seu nome foi censurado em todos os meios de comunicação. A elite conservadora utilizou todos os meios para denegrir a

imagem do arcebispo de Olinda e Recife. Acusavam o Dom de ser comunista e subversivo.

A ditadura civil-militar, estava praticando torturas, prisões e perseguições. Dom Helder constantemente sendo acusado, caluniado e execrado pelos seus adversários, até mesmo quando criava movimentos sociais em favor das minorias injustiçadas, como esclarece Sebastião Antônio Ferrarini:

O exame da trajetória pastoral de D. Helder mostra que ele, diuturnamente, lançou ou se engajou em inúmeros movimentos, ou iniciativas de caráter social. Essas criações ou engajamentos seus foram, não raro, vistos como truques para manter as atenções e manter-se em evidencia. Foi o que ocorreu quando lançou o movimento Pressão Moral Libertadora (Ferrarini,1992, p. 177).

Os debates em torno do nome para o movimento não violento eram bastante calorosos, porém, na Conferência Episcopal de Medellín, em 1968, firmou-se o nome oficial. O Dom diz que a Ação, Justiça e Paz - AJP tem o dever de “vigiar a reação violenta das autoridades que usam como pretexto a salvaguarda da ordem pública” (Camara, 1971, p. 59). O processo do lançamento do movimento Ação, Justiça e Paz ocorreu no dia 2 de outubro de 1968. Edvaldo M. Araújo evidencia:

O lançamento do movimento aconteceu, conforme o previsto, em 02 de outubro de 1968, em Recife, no pátio do colégio São José. Em seu discurso no lançamento do movimento Ação, Justiça e Paz, Dom Helder fez um resumo das propostas apresentadas em forma de esboço. Referiu-se em primeiro lugar ao contexto de violência institucionalizada que gera a miséria na América Latina, estudado profundamente em Medellín (Araújo, 2012, p. 191).

O Dom, no dia 2 de outubro de 1968 expressou a importância do movimento que daria apoio a diversos movimentos sociais e lutaria em favor dos direitos humanos. Houve também repressão ao movimento Ação, Justiça e Paz, como confirma Stela Maris Saldanha: “o sucesso e a repercussão positiva relativos ao lançamento do Ação Justiça e Paz aconteceram apesar da tentativa de boicote registrada ainda na véspera da solenidade” (Saldanha, 2019, p. 28). A AJP foi comparada à luta bíblica entre Davi e Golias, conforme salienta Ivanir Antônio Rampon, que “Davi venceu Golias com cinco pedras e que a AJP tinha cinco pedras para vencer as estruturas injustas: a fé em Deus, a confiança na verdade, a confiança na justiça, a confiança no bem e a confiança no amor” (Rampon, 2013, p. 267).

A Ação, Justiça e Paz, tinha pretensões internacionais, havendo no início o apoio de vários bispos da região Nordeste. Como esclarece Zildo Rocha,

a concepção em plano internacional, nacional e local desse movimento ocupará boa parte da segunda metade daquele ano de 1968, [...] na IX Assembleia da CNBB em julho daquele ano quarenta e três bispos dos duzentos e vinte presentes aderiram ao movimento Ação, Justiça e Paz (Rocha, 2019, p. 43).

O movimento Ação, Justiça e Paz, tinha como fonte inspiradora alguns documentos eclesiais como afirma Zildo Rocha: “como fonte inspiradora de sua atuação a AJP assinala especialmente: a constituição *Gaudium et Spes* e a encíclica *Populorum progressio*” (Rocha; Sigal, 2013, p. 240). O Papa Paulo VI diz na *Populorum progressio* que “combater a miséria e lutar contra a injustiça, é promover não só o bem-estar, mas também o progresso humano e espiritual de todos e, portanto, o bem comum da humanidade. A paz não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças” (Papa Paulo VI, 1967, p.55).

Alceu Amoroso Lima escreveu, comentando a encíclica do Papa Paulo VI: “a não-violência autêntica e criadora exige a prática antecipada da justiça social [...] o caminho da não-violência é, portanto, operar a transmutação prévia das estruturas pela conversão das consciências e uma ação urgente e afetiva (Lima, 1969, p. 124-125).

A Conferência Episcopal de Medellín foi de grande importância para dom Helder, pois chegou ao nome definitivo do movimento de não violência. Nesta Conferência a concepção de pobre foi ampliada, como diz Newton Darwin de Andrade Cabral, “a categoria pobre citada em Medellín e que entrou com ênfase nos pronunciamentos da Igreja e no direcionamento de numerosas práticas pastorais posteriores, embora tendo como fundamentais os aspectos sociais e econômicos, refere-se a situações humanas de maior amplitude[...]” (Cabral, 2020, p.48).

A violência era constante, física, psíquica e através dos discursos da classe dominante brasileira. Em 1968 houve o golpe dentro do golpe, intensificando-se as perseguições e prisões, as injustiças multiplicaram-se e houve o aumento das modalidades de violências. O arcebispo de Olinda e Recife criou o movimento Ação Justiça e Paz, que tinha a intenção de denunciar as injustiças e socorrer os perseguidos e marginalizados pelo regime.

O ano de 1968 esteve recheado de acontecimentos em favor e contra Dom Helder. Neste ano, ele transferiu a sua residência para a Igreja das Fronteiras que teve os seus muros pichados e metralhados. Martinho Condini esclarece, “esses acontecimentos fortaleceram sua campanha contra a violência e a luta por justiça social através de movimentos como a Ação, Justiça e Paz liderado por Dom Hélder, em outubro de 1968.”(Condini, 2004, p. 40). Naquele ano viajou por vários países europeus denunciando o colonialismo externo e interno e pregando a não-violência ativa, como salienta Rampon, “pregando a não violência ativa seguindo, assim, a trilha de Gandhi e Martin Luther King.”(Rampon, 2014, p. 115). O Dom estava em constante viagem por vários países transmitindo a ideologia da não-violência ativa; por isso, chamavam-no de profeta ou de “Gandhi brasileiro”. Assis Claudino destaca:

Único bispo católico que alcançou verdadeira audiência no mundo não católico, D. Helder se fez projetar como profeta do desenvolvimento e foi consagrado com sua Conferência na Mutualité, em Paris, em 1968, como “o profeta do Terceiro Mundo”. Chamado o “Gandhi brasileiro” e considerado o sucessor de Luther King.(Claudino, 1985, p. 138).

O arcebispo de Olinda e Recife orientava os participantes do movimento não violento a não ter medo da repressão e convocava a união de todos em favor dos presos por atuar no movimento. Se um membro do movimento, agindo de acordo com os princípios e os métodos da violência dos pacíficos é preso, uma das forças do movimento seria poder reunir dezenas, centenas, milhares de companheiros que aceitariam apresentar-se também, na mesma altura, às portas da prisão, afirmando-se solidários com o irmão ultrajado (Camara, 1971, p. 34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dom Helder tornou-se bispo da arquidiocese de Olinda e Recife no ano de 1964, exatamente no início da ditadura civil-militar brasileira, tornando-se bispo emérito em 1985 ao completar a idade de afastamento de suas funções, 75 anos, determinada pelo Código de Direito Canônica. As calúnias e perseguições foram constantes, o seu nome foi censurado e sua residência metralhada, seus amigos presos e executados. Mesmo assim, dom Helder criou um movimento não violento para amenizar a situação de extrema violência da ditadura militar.

O movimento Ação, Justiça e Paz levou a ideia da não violência ativa para várias dioceses do Brasil e no exterior. Houve, por dom Helder, o incentivo as minorias

abraâmicas com o intuito de levarem o Movimento a várias localidades e transmitirem uma cultura de paz.

A ditadura civil-militar perseguiu os membros do Movimento Ação, Justiça e Paz, com o objetivo de atingir o arcebispo de Olinda e Recife. Com o Ato Institucional nº 5 em 1968 o Movimento teve um retraimento, porém nos anos seguintes a AJP continuou em expansão.

REFERÊNCIAS

CABRAL, Newton Darwin de Andrade. Onde está o povo, aí está a Igreja? História e memórias do Seminário Regional do Nordeste II, do Instituto de Teologia do Recife e do Departamento de Pesquisa e Assessoria [recurso eletrônico, Recife: Ed. da UFPE, 2020.

CONDINI, Martinho. Dom Hélder Câmara: modelo de esperança na caminhada para a paz e justiça social. Dissertação (mestrado em ciência da religião) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

CAMARA, Dom Helder. Utopias peregrinas. Recife: Editora Universitária da UFPB, 1993.

COMISSÃO ESTADUAL DA MEMÓRIA E VERDADE. Cadernos da memória e verdade. v. 4. Recife: Secretaria da Casa Civil do Governo do Estado de Pernambuco, 2015.

CLAUDINO, Assis. O monstro sagrado e o amarelinho comunista: Gilberto Freyre, Dom Helder e a revolução de 64. Recife: Opção, 1985.

FERRARINI, Sebastião Antônio. A imprensa e o arcebispo vermelho. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.

KATHEN, Nelmo Roque Tem. Uma vida para os pobres: espiritualidade de D. Helder Camara. São Paulo: Loyola, 1991.

LIMA, Alceu Amoroso. Comentários à Populorum Progressio. Petrópolis: Vozes, 1969.

PAPA PAULO VI. Populorum Progressio. Carta Encíclica sobre o desenvolvimento dos povos. São Paulo: Paulinas, 1967.

PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. Dom Hélder Câmara: entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997.

PINA NETA, Lucy da Silva. O dom da leitura: Helder Camara e suas bibliotecas. São Paulo: Paulinas, 2018.

RAMPON, Ivanir Antônio. O caminho espiritual de Dom Helder Camara. São Paulo: Paulinas, 2013.

RAMPON, Ivanir Antônio. Paulo VI e Dom Helder Camara: exemplo de uma amizade espiritual. São Paulo: Paulinas, 2014.

ROCHA, Zildo. "Irmão dos pobres e meu irmão": presença de Dom Helder em minha vida. Recife: Ed. do autor, 2019.